



Por causa do trajeto, alguns alunos chegam cansados à escola e têm mais dificuldade para aprender

Falta de ônibus escolar prejudica

Fábio Melo, 12 anos, anda oito quilômetros por dia para ir à Escola Classe Nova Betânia. Samuel Batista Carneiro, 13, caminha meia-hora até a Escola Classe Córrego das Corujas, e ainda tem que passar por um pinguela para atravessar um riacho. Dinair Inácio Cardoso, 14, vai a pé para a Escola Classe Vendinha porque os pais não têm condições de pagar o ônibus. Israel e Célio, 5 e 7 anos, deixam de ir à escola porque não suportam andar três quilômetros.

Esta é a difícil situação dos alunos da zona rural do Distrito Federal. Em cinco escolas visitadas, o **Jornal de Brasília** constatou que não existe transporte escolar gratuito, realidade que obriga alunos e professores a cortar caminho pelo “trilhos da roça”. Em muitos casos, algumas crianças passam da idade escolar antes de ingressar no primeiro ano. Outros, concluem apenas as quatro primeiras séries

do primeiro grau, único nível da escola mais próxima.

As irmãs Denise, 6 anos, e Denilza, 5, andam meia-hora a pé para chegar à Escola Classe Vendinha. “Elas não agüentam, ficam cansadas e, às vezes, paramos para descansar”, conta a irmã velha, Divani da Costa, de 17 anos, aluna da 5ª série. Dinair Cardoso, 14, diz que o pai é agricultor e, pai de seis filhos, não tem condições de pagar ônibus para todos eles irem à Vendinha. “Meu irmão Lucélio, de 7 anos, tem problema na perna e não consegue andar até aqui. É muito longe para ele. Ano que vem vai entrar, se tiver condições de andar”, explica.

“Ando meia-hora e chego aqui suado e cansado”, diz Samuel Batista Carneiro, 13 anos, aluno da 3ª série da Escola Classe Córrego das Corujas. “O pior é quando chove. Às vezes não tem como atravessar a pinguela do córrego, porque a en-

xurrada leva a gente”, conta. “Tem de esperar a água baixar um pouco. Depois a gente tira os sapatos e atravessa segurando um arame amarrado de um lado e de outro do córrego”, explica.

“Dá vontade de ficar em casa, mas gosto da escola”, conta Eduardo Ferreira Alves, de 5 anos, aluno da Escola Classe Jibóia. “Ele anda quatro quilômetros para chegar até aqui”, diz a professora Guiomar Duarte Porto. “Uma criança que chega cansada na escola está sendo sacrificada. Então temos que trabalhar dentro da realidade dela. É importante respeitar isso. A aula tem de ser criativa, com música e outras atividades de recreação”, acrescenta. “É difícil essas crianças virem de ônibus. São filhas de caseiros de chácaras, carentes. É complicado para um ônibus escolar atender uma comunidade tão dispersa como a nossa”. (R.A.)